

PERSPECTIVAS DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NA EXPERIÊNCIA VEIGA SIMÃO

Maria Manuela Subtil Pedro

Agrupamento de Escolas Fragata do Tejo, Moita

e-mail: mm.pedro@campus.fct.unl.pt

José Manuel Matos

UIED-FCT, Universidade Nova de Lisboa

e-mail: jmm@fct.unl.pt

Veiga Simão de modo a retardar a escolha da via escolar ou profissional dos jovens, ensaia o alargamento da escolaridade obrigatória de seis para oito anos, através da unificação dos dois primeiros anos do ensino técnico com o 1.º ciclo do ensino liceal. Pretendendo-se uma abordagem pedagógica diferente do ensino liceal, visto como demasiado formal, mas mais abrangente do que a especialização pretendida pelo ensino técnico, planifica-se uma experiência pedagógica nos 3.º e 4.º anos¹ que decorreu entre 1972 e 1975².

Este artigo tem como objetivo mostrar as perspetivas de professores, sobre o ensino e aprendizagem da Matemática, no decorrer dessa experiência, denominada Experiência Veiga Simão.

Para o estudo recorreu-se a uma análise documental e a testemunhos de participantes, recolhidos por entrevista.

Segundo as professoras entrevistadas foi lançado um programa experimental com inovações significativas ao nível dos conteúdos, dos objetivos e métodos de ensino. Relatam que se tratava de um programa ambicioso mas exequível, que apresentava semelhanças com o dos liceus e ensaiava uma estruturação por objetivos comportamentais recorrendo à taxonomia de Bloom, que não foi muito bem aceite pelas docentes, na medida em que consideram que um aluno é avaliado globalmente e não de uma forma compartimentada. Questionam se algum professor aplicou na íntegra a Taxonomia de Bloom.

No que concerne às inovações nos métodos de ensino destacam as atividades de investigação³, conduzindo os alunos à descoberta, trabalho de grupo,

¹ Atuais 7.º e 8.º anos de escolaridade.

² A “primeira leva” decorreu nos anos letivos 1972/73 e 1973/74 e a “segunda leva” decorreu nos anos letivos 1973/74 e 1974/75.

³ Denominadas no programa por Método heurístico.

interdisciplinaridade, ligação entre os conteúdos teóricos e a realidade, com recurso a visitas de estudo (custeadas pelo Ministério da Educação) ou saídas da sala de aula.

Relativamente às inovações nos conteúdos da disciplina de Matemática destacam as relações binárias, noções básicas de funções, isometrias, translações, rotações e simetrias axiais.

As professoras descrevem situações de cooperativismo identificadas como uma inovação na época, pois como se tratava de um programa sem indicação de Bibliografia, recorria-se frequentemente, entre colegas da mesma escola e escolas diferentes, à elaboração de fichas de trabalho ou reformulação das que vinham do Ministério da Educação. Salientam também que a bibliografia existente na Biblioteca da sala de Matemática era essencialmente em Francês.

Referem que a avaliação dos alunos era feita qualitativamente, com as menções de Fraco, Satisfaz e Bom, contrariando práticas anteriores.

Concluem, que para os alunos, se tratou de um ensaio que desencadeou novos métodos de aprendizagem, maior capacidade de verbalização, uma maior autonomia, tendo-lhes sido proporcionado a aquisição de novos saberes.

Segundo Pedro [1], tratou-se de uma experiência com êxito, tendo-se tratado de um caso de inovação. Na Matemática o sucesso da experiência, deveu-se sobretudo ao realce que se deu à investigação, à experimentação, à discussão, a relação entre esta disciplina e a realidade, à interdisciplinaridade, ao trabalho de grupo, ao uso de meios audiovisuais, características inerentes ao Movimento da Matemática Moderna que foi disseminada a partir de 1968, com a criação do CPES – Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. A inovação no ensino não se pode impor por Decreto, é necessário que os seus atores a ela adiram voluntariamente.

Referências

- [1] M. Manuela Subtil Pedro, “A experiência Veiga Simão na matemática nos terceiro e quarto anos (1972-1975)”, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2013.
- [2] Relatório OCDE/CERI/IMETEC/74.02